LIÇÃO 11 - As Coisas Corruptíveis e Incorruptíveis Têm os Mesmos ou Diferentes Princípios?

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 4: 1000a 5-1001a 3

> *250. Além disso, há um problema que não foi menos negligenciado pelos modernos do que por seus predecessores: se os princípios das coisas corruptíveis e incorruptíveis são os mesmos ou diferentes.*
>
> *251. Pois, se são os mesmos, como é que algumas coisas são incorruptíveis e outras corruptíveis? E qual é a causa?*
>
> *252. Os seguidores de Hesíodo e todos aqueles que foram chamados de teólogos prestaram atenção apenas ao que era plausível para si mesmos e nos negligenciaram. Pois, fazendo os princípios das coisas serem deuses ou gerados dos deuses, eles dizem que tudo o que não provou néctar e ambrosia tornou-se mortal.*
>
> *253. E é claro que eles estão usando esses termos de uma maneira conhecida por eles mesmos, mas o que disseram sobre a aplicação dessas causas está além de nosso entendimento. Pois se é por causa do prazer que os deuses participam dessas coisas, o néctar e a ambrosia não são a causa de seu ser. Mas se eles participam delas para preservar seu ser, como os deuses serão eternos se precisam de alimento?*
>
> *254. Mas, no que diz respeito àqueles que filosofaram usando fábulas, não vale a pena prestar-lhes nenhuma atenção séria.*
>
> *255. No entanto, daqueles que fazem afirmações por meio de demonstração é necessário descobrir, questionando-os, por que algumas das coisas que derivam*

dos mesmos princípios são eternas por natureza e outras são corrompidas. Mas, como esses filósofos não mencionam nenhuma causa, e é irracional que as coisas sejam como eles dizem, é claro que os princípios e causas dessas coisas não serão os mesmos.

256. Pois a explicação que se considerará dizer algo mais pertinente é a de Empédocles, que esteve sujeito ao mesmo erro. Pois ele postula um certo princípio, o ódio, que é a causa da corrupção.

257. No entanto, o próprio ódio pareceria gerar tudo, exceto o um. Pois todas as coisas, exceto Deus, derivam disso. Daí ele diz: "Do qual desabrocharam tudo o que foi e é [e será]: árvores, e homens e mulheres, e bestas e coisas voadoras, e peixes nutridos pela água, e os deuses de longa vida." E além dessas coisas, é evidente que, se o ódio não existisse no mundo, todas as coisas seriam uma, como ele diz: "Pois quando se reunirem, então o ódio estará por último de todos."

258. Por essa razão também acontece que Deus, que é o mais feliz, é menos sábio do que outros seres. Pois ele não conhece todos os elementos, porque não tem ódio, e o conhecimento é do semelhante pelo semelhante. "Pois conhece-se a terra pela terra, a água pela água, a afeição pela afeição, e o ódio pelo odioso ódio."

259. Mas também é claro (e foi por aqui que nossa discussão começou) que o ódio não se revela a causa da corrupção mais do que do ser.

260. Da mesma forma, tampouco o amor é a causa da existência; pois, ao misturar as coisas em uma unidade, ele corrompe outras coisas.

261. Além disso, ele não fala sobre a causa da própria mudança, exceto para dizer que ela estava naturalmente disposta a ser assim.

262. [Ele diz]: "Mas assim, um poderoso ódio foi nutrido entre os membros e ascendeu a uma posição de honra quando o tempo se cumpriu, que, sendo mutável, dissolveu o vínculo." Portanto, a mudança é uma necessidade, mas ele não dá razão para sua necessidade.

263. No entanto, ele sozinho fala expressamente até esse ponto. Pois ele não faz alguns seres corruptíveis e outros incorruptíveis, mas faz todas as coisas corruptíveis, exceto os elementos. Mas o problema que foi apresentado é por que algumas coisas são corruptíveis e outras não, supondo que elas venham dos mesmos princípios. Até esse ponto, então, foi dito que os princípios das coisas não serão os mesmos.

> *264. Mas se os princípios são diferentes, um problema é se eles serão incorruptíveis ou corruptíveis. Pois supondo que sejam corruptíveis, é evidente que eles também devem vir de certas coisas, porque todas as coisas que são corrompidas são dissolvidas naqueles elementos dos quais vêm. Daí segue que existem outros princípios anteriores a esses princípios. Mas isso também é irrazoável, quer o processo pare ou prossiga ao infinito. Além disso, como existirão coisas corruptíveis se seus princípios são destruídos? Mas se eles são incorruptíveis, por que coisas corruptíveis viriam de princípios incorruptíveis, e coisas incorruptíveis de outros? Pois isso é irrazoável, e é ou impossível ou requer muito raciocínio.*
>
> *265. Além disso, ninguém tentou dizer que essas coisas têm princípios diferentes, mas [todos os pensadores] dizem que todas as coisas têm os mesmos princípios. Mas eles admitem o primeiro problema, considerando-o uma questão trivial.*

COMENTÁRIO

466. Tendo investigado de forma geral se todos os princípios pertencentes a uma mesma espécie são numericamente os mesmos, o Filósofo pergunta aqui se os princípios das coisas corruptíveis e incorruptíveis são numericamente os mesmos. A respeito disso, ele faz três coisas. Primeiro (250:C 466), ele levanta a questão. Segundo (251:C 467), ele apresenta um argumento para mostrar que os princípios das coisas corruptíveis e os das incorruptíveis não são os mesmos ("Pois se eles são os mesmos"). Terceiro (264:C 483), ele apresenta argumentos para mostrar que eles não são diferentes ("Mas se os princípios").

Ele diz primeiro (250), então, que há um problema que foi negligenciado tanto pelos filósofos modernos, que seguiram Platão, quanto pelos antigos filósofos da natureza, que também se perguntavam se os princípios das coisas corruptíveis e incorruptíveis são os mesmos ou diferentes.

467. Pois, se eles são os mesmos (251).

Aqui ele apresenta um argumento para mostrar que os princípios das coisas corruptíveis e incorruptíveis não são os mesmos. A respeito disso, ele faz três coisas. Primeiro (251:C 467), ele dá o argumento. Segundo (252:C 468), ele critica a solução do argumento proposto que os poetas teológicos deram ("Os seguidores de Hesíodo"). Terceiro (255:C 472), ele critica a solução que alguns filósofos da natureza deram ("No entanto, daqueles que").

Ele diz primeiro (251), então, que se os princípios das coisas corruptíveis e incorruptíveis são considerados os mesmos, uma vez que dos mesmos princípios seguem os mesmos efeitos, parece que ou todas as coisas são corruptíveis ou todas são incorruptíveis. Portanto, surge a questão de como algumas coisas são corruptíveis e outras incorruptíveis, e qual é a razão.

468. Os seguidores de Hesíodo (252)

Ele critica a solução dada pelos poetas teológicos. Primeiro (252:C 468), ele dá a solução deles. Segundo (253:C 470), ele argumenta contra ela ("E é claro que"). Terceiro (254:C 471), ele dá a razão pela qual ele não critica essa posição com mais cuidado ("Mas com relação àqueles").

Quanto ao primeiro ponto (252), deve-se notar que entre os gregos, ou filósofos da natureza, havia certos estudiosos da sabedoria, como Orfeu, Hesíodo e alguns outros, que se ocupavam dos deuses e ocultavam a verdade sobre os deuses sob o véu de fábulas, assim como Platão ocultava a verdade filosófica sob a matemática, como diz Simplício em seu Comentário sobre as Categorias.' Portanto, ele diz que os seguidores de Hesíodo, e todos aqueles que eram chamados de teólogos, atentavam para o que era convincente para si mesmos e negligenciaram-nos, porque a verdade que compreendiam era por eles tratada de tal forma que podia ser conhecida apenas por eles mesmos. Pois se a verdade é obscurecida por fábulas, então a verdade que subjaz a essas fábulas pode ser conhecida apenas por quem as criou. Por isso, os seguidores de Hesíodo chamavam os primeiros princípios das coisas de deuses, e diziam que aqueles entre os deuses que não haviam provado um certo alimento deleitoso chamado néctar ou maná tornavam-se mortais, enquanto aqueles que o haviam provado tornavam-se imortais.

469. Mas alguma parte da verdade poderia estar oculta sob essa fábula, desde que por néctar ou maná se entenda a própria bondade suprema do primeiro princípio. Pois toda a doçura do amor e da afeição é referida à bondade. Mas todo bem deriva de um primeiro bem. Portanto, o significado dessas palavras poderia ser que algumas coisas são incorruptíveis devido a uma participação íntima no sumo bem, como aquelas que participam perfeitamente do ser divino. Mas certas coisas, devido ao seu afastamento do primeiro princípio, que é o significado de não provar o maná e o néctar, não podem permanecer perpetuamente as mesmas em número, mas apenas em espécie, como diz o Filósofo no Livro II da *Geração*. Mas se eles pretendiam tratar isso obscuramente ou alguma outra coisa, não pode ser percebido mais plenamente a partir desta afirmação.

470. E é claro (253).

Ele argumenta contra a posição mencionada. Ele diz que o significado que esses seguidores de Hesíodo desejavam transmitir pelos termos néctar ou maná era conhecido por eles, mas não por nós. Portanto, sua explicação sobre como essas causas pretendem resolver esta questão e preservar as coisas da corrupção está além de nosso entendimento. Pois se esses termos são entendidos em seu sentido literal, parecem inadequados, porque os deuses que provaram néctar ou maná o fizeram ou por prazer ou porque essas coisas eram necessárias para sua existência, já que essas são as razões pelas quais os homens se alimentam. Ora, se os provaram por prazer, o néctar e o maná não poderiam ser a causa de sua existência a ponto de torná-los incorruptíveis, porque o prazer é algo que segue o ser. Mas se provaram o mencionado alimento porque precisavam dele para existir, não seriam eternos, necessitando repetidamente de alimento. Portanto, parece que deuses que são primeiro corruptíveis, por assim dizer, estando como que necessitados de alimento, são tornados incorruptíveis por meio do alimento. Isso também parece irracional, porque o alimento não nutre uma coisa segundo sua espécie, a menos que seja corrompido e passe para a espécie do que é nutrido. Mas nada que é corruptível pode ser responsável pela incorruptibilidade de outra coisa.

471. Mas quanto àqueles (254).

Aqui ele dá sua razão para não investigar esta opinião com mais cuidado. Ele diz que não vale a pena prestar atenção àqueles que filosofaram "usando fábulas", i.e., ocultando a verdade filosófica sob fábulas. Pois se alguém argumenta contra suas afirmações na medida em que são tomadas em sentido literal, essas afirmações são ridículas. Mas se alguém deseja investigar a verdade oculta por essas fábulas, ela não é evidente. Daí se entende que Aristóteles, ao argumentar contra Platão e outros pensadores desse tipo que trataram suas próprias doutrinas ocultando-as sob outra coisa, não argumenta sobre a verdade que está oculta, mas sobre aquelas coisas que são expressas exteriormente.

472. No entanto, a partir daqueles que fazem afirmações (255).

Em seguida, ele argumenta contra a resposta dada por alguns dos filósofos da natureza; e quanto a isso faz três coisas. Primeiro (255:C 472), apresenta o argumento. Segundo (256:C 473), dá a resposta ("Pois a explicação"). Terceiro (257:C 474), critica-a ("No entanto, até mesmo o ódio").

Assim, ele diz, primeiro (255), que, tendo deixado de lado aqueles que trataram a verdade usando fábulas, é necessário buscar informação sobre a questão mencionada junto àqueles que trataram a verdade de modo demonstrativo, perguntando-lhes por que é que, se todos os seres derivam dos mesmos princípios, alguns seres são eternos por natureza e outros são corrompidos. E como esses homens não dão nenhuma razão para que isso seja assim, e como é irracional que as coisas sejam como eles dizem (que, no caso de seres tendo os mesmos princípios, alguns sejam corruptíveis e outros eternos), parece claramente seguir-se que coisas corruptíveis e eternas não têm os mesmos princípios ou as mesmas causas.

473. Pois a explicação (256).

Em seguida, ele dá uma solução. Ele diz que a explicação dada à questão mencionada que parece adequar-se melhor a ela é a que Empédocles deu, embora ele estivesse sujeito ao mesmo erro que os outros, porque a explicação que ele deu não é mais adequada que a deles, como está prestes a ser mostrado. Pois ele sustentava que coisas corruptíveis e incorruptíveis têm certos princípios comuns, mas que um princípio especial, o ódio, causa a corrupção dos elementos de tal forma que a conjunção dessa causa e outro princípio produz corrupção no mundo.

474. No entanto, até mesmo o ódio (257).

Aqui ele critica o argumento de Empédocles, e faz isso de três maneiras. Primeiro (257:C 474), mostrando que o argumento que Empédocles deu não está de acordo com sua posição; segundo (261:C 478), mostrando que não é adequado ("Além disso, ele não"); e terceiro (263:C 481), mostrando que não é pertinente ("No entanto, ele sozinho fala").

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, mostra que o argumento de Empédocles não concorda com suas outras visões sobre o ódio; segundo (258:C 476), que não concorda com sua visão sobre o próprio Deus ("Por essa razão"); e terceiro (26o:C 477), que não concorda com sua visão sobre o amor ("Nem, similarmente").

Assim, ele diz, primeiro (257), que a posição de Empédocles de que o ódio é a causa da corrupção é insustentável, porque, segundo sua posição, o ódio também parece ser a causa da geração de

todas as coisas exceto uma. Pois ele sustentava que tudo o mais é composto essencialmente de ódio juntamente com os outros princípios, com exceção de Deus apenas, que ele afirmava ser composto dos outros princípios sem ódio. Além disso, ele chamava os céus de Deus, conforme foi dito acima no Livro I (49:C 101), porque Xenófanes, após refletir sobre todo o céu, disse que o próprio uno é Deus. E Empédocles, considerando a indestrutibilidade dos céus, sustentava que os céus são compostos dos quatro elementos e do amor, mas não da discórdia ou do ódio. Mas no caso de outras coisas, ele dizia que todas aquelas que são, foram ou serão, vêm do ódio, tais como árvores que brotam, e homens e mulheres, e bestas (que são animais terrestres), e abutres (que são animais voadores e de vida longa), e peixes (que são nutridos na água), e os deuses de longa vida. E por deuses ele parece significar ou os astros, que ele sustentava serem às vezes corrompidos, embora após um longo período de tempo, ou os demônios, que os platônicos sustentavam serem animais etéreos. Ou por deuses ele também significa aqueles seres que os epicuristas sustentavam ter forma humana, como foi dito acima (210:C 408). Portanto, pelo fato de que todos os seres vivos exceto um são gerados do ódio, pode-se dizer que o ódio é a causa da geração.

475. Além disso, há outra razão [pela qual se pode dizer que o ódio é a causa da geração]; pois, segundo a posição de Empédocles, é evidente que, se o ódio não existisse no mundo, todas as coisas seriam uma, já que o ódio é a razão pela qual as coisas são distintas, conforme Empédocles. Daí ele cita as palavras de Empédocles, no sentido de que, quando todas as coisas se unem numa unidade, por exemplo, quando o caos surge, o ódio estará por último, separando e dissolvendo as coisas. Por isso, o texto de Boécio diz: "Quando se une, então o caos conhece a discórdia última." Assim, fica claro que, como o ser do mundo consiste na distinção das coisas, o ódio é a causa da geração do mundo.

476. Por essa razão (258).

Aqui ele apresenta um segundo argumento, que diz respeito à divindade. Ele diz que, como Empédocles sustentaria que o ódio não é um constituinte da composição divina, segue-se, segundo seus argumentos, que Deus, que todos os homens dizem ser o mais feliz e, consequentemente, o mais sapiente, é menos prudente do que todos os outros seres que possuem conhecimento. Pois, segundo a posição de Empédocles, segue-se que Deus não conhece os elementos porque não contém ódio. Daí Ele não conhece a si mesmo. E o semelhante conhece o semelhante, segundo a opinião de Empédocles, que disse que pela terra conhecemos a terra, pela água a água, "e pela afeição", isto é, amor ou concórdia, conhecemos a afeição, ou amor ou concórdia. E de modo semelhante, conhecemos "o ódio pelo ódio", que é a tristeza, seja desagradável ou má, segundo o texto de Boécio, que diz que "pela discórdia má conhecemos a discórdia". É evidente, então, que Aristóteles considerou isso insustentável e contrário à posição de que Deus é o mais feliz, porque Ele mesmo não conheceria algumas das coisas que conhecemos. E como esse argumento parecia estar fora de questão, portanto, retornando ao seu tema principal, ele diz (259) que, retornando ao ponto de onde o primeiro argumento começou, é evidente, no que diz respeito a Empédocles, que o ódio não é mais causa de corrupção do que de ser.

477. Nem, de modo semelhante, o amor (260).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento, que diz respeito ao amor. Ele diz que, de modo semelhante, o amor não é a causa da geração ou do ser, como Empédocles afirmava, se outra de suas posições for considerada. Pois ele disse que, quando todos os elementos são combinados numa unidade, a corrupção do mundo ocorrerá então; e assim, o amor corrompe todas as coisas. Portanto, com respeito ao mundo em geral, o amor é a causa da corrupção, enquanto o ódio é a causa da geração. Mas com respeito às coisas singulares, o ódio é a causa da corrupção e o amor, da geração.

478. Além disso, ele não (261).

Aqui ele mostra que o argumento de Empédocles não é adequado. Pois Empédocles disse que existe no mundo uma certa alternância de ódio e amizade, de tal modo que ora o amor une todas as coisas e depois o ódio as separa. Mas quanto à razão pela qual essa alternância ocorre, de modo que ora o ódio predomina e ora o amor, ele nada disse além de que estava naturalmente disposto a ser assim.

479. E em seguida ele dá as palavras de Empédocles, que, por serem escritas em versos gregos, são difíceis e diferem do modo comum de falar. Essas palavras são (262): "Mas assim o poderoso ódio foi nutrido entre os membros e ascendeu a uma posição de honra quando o tempo foi cumprido, o qual, sendo mutável, dissolveu o vínculo." Mas o texto de Boécio diz assim: "Mas quando a poderosa discórdia nos membros foi promovida a um lugar de honra, porque avançou num ano completo, o qual, tendo essas coisas sido mudadas, retorna a um vínculo pleno." Ora, para entender isso, deve-se notar que ele fala poeticamente do mundo inteiro como se fosse um único ser vivo, em cujos membros e partes se encontra, a princípio, a maior harmonia, que ele chama de amor ou concórdia, e depois começa a existir, pouco a pouco, uma certa dissonância, que ele chama de discórdia. E, de modo semelhante, nas partes do universo, a princípio houve a máxima concórdia, e depois o ódio foi nutrido pouco a pouco até adquirir "o lugar de honra", isto é, adquiriu domínio sobre os elementos. Isso ocorre quando um tempo completo é alcançado ou um ano é completado, como Empédocles sustentava, "o qual" (ódio ou discórdia, ou o ano), sendo mutável, dissolve "o vínculo", isto é, a união anterior dos elementos; ou o ano ou o ódio retorna a um vínculo pleno, porque por uma certa habilidade e poder oculto retorna a predominar sobre as coisas.

480. Após essas palavras de Empédocles, Aristóteles, ao dar o significado da palavra "mutável" que ele usou, acrescenta a explicação como se a mudança fosse necessária; pois ele diz que Empédocles fez as afirmações anteriores como se fosse necessário que houvesse uma alternância de ódio e amor, mas não dá nenhuma razão para essa necessidade. Pois, no caso desse único ser vivo, é evidente que o que causa a alternância de ódio e amor é o movimento dos céus, que causa geração e corrupção no mundo. Mas nenhuma causa desse tipo pode ser atribuída para explicar por que o todo deveria ser mudado dessa maneira pelo amor e pelo ódio. Portanto, fica claro que seu argumento foi inadequado.

481. No entanto, ele sozinho (263).

Aqui ele mostra que esse argumento de Empédocles não é pertinente. Ele diz que Empédocles parece dizer expressamente, isto é, claramente, apenas que ele não sustenta que algumas das

coisas derivadas desses princípios são corruptíveis e outras incorruptíveis, mas sustenta que todas as coisas são corruptíveis, com exceção apenas dos elementos. Assim, ele parece evitar o problema anterior, na medida em que a questão permanece: por que algumas coisas são corruptíveis e outras não, se vêm dos mesmos princípios? Portanto, também fica claro que seu argumento não é pertinente, porque ele negligencia o próprio ponto que requer explicação.

482. Mas pode-se perguntar como ele pode dizer aqui que Empédocles sustentava que todas as coisas eram corruptíveis, exceto os elementos, já que Empédocles disse acima que o uno é Deus, isto é, o que é composto dos outros princípios, exceto o ódio. Deve-se notar, no entanto, que Empédocles postulou dois processos de corrupção no mundo, como fica claro pelo que foi dito acima. Ele postulou um com respeito à mistura de todo o universo, que era efetuada pelo amor; e desse processo ele não tornou nem mesmo Deus imune, porque em Deus ele colocou o amor, que causava que outras coisas se misturassem com Deus. E ele postulou outro processo de corrupção para as coisas singulares, e o princípio desse processo é o ódio. Mas ele excluiu esse tipo de corrupção de Deus, visto que não postulou o ódio em Deus. Ao resumir, então, Aristóteles conclui que isso foi dito para mostrar que as coisas corruptíveis e incorruptíveis não têm os mesmos princípios.

483. Mas se os princípios (264)

Aqui ele argumenta o outro lado da questão, com dois argumentos. O primeiro é este: se os princípios das coisas corruptíveis e incorruptíveis não são os mesmos, surge a questão se os princípios das coisas corruptíveis são corruptíveis ou incorruptíveis. Se alguém diz que são corruptíveis, ele prova que isso é falso com dois argumentos. O primeiro é assim: toda coisa corruptível é dissolvida nos princípios de que é composta. Se, então, os princípios das coisas corruptíveis são corruptíveis, será necessário sustentar também que existem outros princípios dos quais eles derivam. Mas isso é insustentável, a menos que se postule um regresso infinito. Ora, foi mostrado no Livro II (152:C 299) que é impossível haver um regresso infinito nos princípios em qualquer classe de causa. E seria igualmente insustentável alguém dizer que essa condição se aplica no caso dos princípios corruptíveis, já que a corrupção parece ocorrer como resultado de algo ser dissolvido em princípios anteriores.

484. O segundo argumento é assim. Se os princípios das coisas corruptíveis são corruptíveis, eles devem ser corrompidos, porque toda coisa corruptível será corrompida. Mas, depois de corrompidos, não podem ser princípios, pois o que é corrompido ou foi corrompido não pode causar nada. Portanto, como as coisas corruptíveis são sempre causadas em sucessão, não se pode dizer que os princípios das coisas corruptíveis são corruptíveis.

485. Novamente, se é dito que os princípios das coisas corruptíveis são incorruptíveis, evidentemente os princípios das coisas incorruptíveis são incorruptíveis. Portanto, permanece a questão de por que, a partir de certos princípios incorruptíveis, são produzidos efeitos corruptíveis, e a partir de certos outros, efeitos incorruptíveis; pois isso parece irrazoável e é ou impossível ou requer considerável explicação.

486. Além disso, ninguém (265).

Então, relativo à sua tese principal, ele apresenta seu segundo argumento, que é extraído das opiniões comuns de todos os homens. Pois ninguém tentou dizer que coisas corruptíveis e incorruptíveis têm princípios diferentes, mas todos dizem que todas as coisas têm os mesmos princípios. Contudo, o primeiro argumento, dado a favor da primeira parte da questão, todos tratam levianamente, como se fosse de pouca importância; mas isso é reconhecer sua verdade. Por isso, o texto de Boécio diz: “Mas eles engolem o primeiro argumento como se o considerassem uma questão menor.”

Q. 13: Os princípios das coisas corruptíveis e incorruptíveis são os mesmos?

487. Ora, a solução para esse problema é dada no Livro XII (2553), onde o Filósofo mostra que os primeiros princípios ativos ou motores de todas as coisas são os mesmos, mas em uma certa sequência. Pois os primeiros princípios das coisas são absolutamente incorruptíveis e imóveis, enquanto os segundos são incorruptíveis e móveis, ou seja, os corpos celestes, que causam geração e corrupção no mundo como resultado de seu movimento. Ora, os princípios intrínsecos das coisas corruptíveis e das incorruptíveis são os mesmos, não numericamente, mas analogicamente. Ainda assim, os princípios intrínsecos das coisas corruptíveis, que são matéria e forma, não são corruptíveis em si mesmos, mas apenas em relação a algo outro. Pois é dessa maneira que a matéria e a forma das coisas corruptíveis são corrompidas, como é afirmado no Livro I da *Física*.

Revision #3
Created 7 September 2026 16:40:06 by Admin
Updated 13 September 2026 13:59:14 by Admin